



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**EVELLYN AKIDALANDA DANDARA DO NASCIMENTO MEDEIROS**

**A LETRA E O LUGAR DO ENDEREÇAMENTO NA PSICOSE**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

EVELLYN AKIDALANDA DANDARA DO NASCIMENTO MEDEIROS

**A LETRA E O LUGAR DO ENDEREÇAMENTO NA PSICOSE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M4881 Medeiros, Evellyn Akidalanda Dandara do Nascimento.  
A letra e o lugar do endereçamento na psicose [manuscrito]  
/ Evellyn Akidalanda Dandara do Nascimento Medeiros. - 2022.  
17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.

"Orientação : Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior, Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Psicose. 2. Letra. 3. Psicologia. I. Título

21. ed. CDD 616.89

EVELLYN AKIDALANDA DANDARA DO NASCIMENTO MEDEIROS

A LETRA E O LUGAR DO ENDEREÇAMENTO NA PSICOSE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 04 / 08 / 2022.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Renally Xavier de Melo  
Faculdades Integradas de Patos (FIP)

*À minha querida avó e professora, dona  
Generosa, que me atravessou com sua  
doçura e com o poder da letra, dedico.*

*“Existe... Um mundo entre a palavra e a letra.” (Jacques Lacan)*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>AS PSICOSES .....</b>	<b>8</b>
<b>2.1</b>	<b>O mito fundador .....</b>	<b>9</b>
<b>2.2</b>	<b>A metáfora que cai.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>A LETRA LITORAL .....</b>	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>UM ENLACE POSSÍVEL .....</b>	<b>13</b>
<b>4.1</b>	<b>Soluções e caminhos .....</b>	<b>13</b>
<b>4.2</b>	<b>Escoamento ou endereçamento? .....</b>	<b>14</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>15</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>17</b>

## A LETRA E O LUGAR DO ENDEREÇAMENTO NA PSICOSE

### THE LETTER AND THE PLACE OF ADDRESSING IN PSYCHOSIS

Evellyn Akidalanda Dandara do Nascimento Medeiros<sup>1\*</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar o lugar da letra e como o seu endereçamento pode ter função na clínica da psicose, apostando nele para o caminho da estabilização. Desenvolveu-se uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, partindo de alguns dos estudos pré-psicanalíticos e atravessando o ensino de Jacques Lacan, buscou-se elucidar como se dá a estrutura psicótica, seu mito fundador e seu modo de funcionamento próprio, advindo da fissura da metáfora paterna. Nesse percurso, abriu-se espaço para compreender a conceituação proposta por Lacan a respeito da letra, caminhando por seus diversos desdobramentos, até a chegada da letra enquanto carta (*lettre*) e litoral. Por fim, abre-se a discussão a respeito dos enlaces possíveis entre letra e psicose, bem como a atuação clínica frente ao escoamento visceral da letra. Ao fim dessa travessia, podemos compreender a imensidão de possibilidades advindas do endereçamento e da mediação dos significantes na psicose. Entendendo que acolher os restos da psicose e testemunhar a letra abrem espaço para o laço social.

**Palavras-chave:** Psicose. Letra. Endereçamento.

#### ABSTRACT

The present work aims to investigate the place of the letter and how its addressing can have a role in the clinic of psychosis, betting on it for the path of stabilization. We developed a narrative bibliographical review, starting from some of pre-psychoanalytic studies and going through Jacques Lacan's teaching, we sought to elucidate how the psychotic structure occurs, its founding myth and its own operating mode, arising from the fissure of the paternal metaphor. This trajectory opened space to understand the conceptualization proposed by Lacan regarding the letter, walking through its various unfoldings, until the arrival of the letter as a letter (*lettre*) and littoral. Finally, we open the discussion about the possible links between letter and psychosis, as well as the clinical performance in face of the visceral flow of the letter. At the end of this traverse, we can understand the immensity of possibilities arising from the addressing and the mediation of signifiers in psychosis. Understanding that embracing the remains of psychosis and witnessing the letter can provide space for the social bond.

**Keywords:** Psychosis. Letter. Addressing.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba

## 1 INTRODUÇÃO

A frase da epígrafe que abre as portas desse escrito é elementar para a constituição e proposta do que vem a ser esse trabalho. Há um espaço, abismo, imensidão, entre letra e linguagem. É uma frase que diz muito mais do que o que está escrito, como sempre. Ela diz sobre as imensidões nos entremeios, diz sobre os intervalos e os (in)finitos. Ela nos diz que existe um mundo da letra, da linguagem e um entre. Nesse escrito, advertidos do mistério intrínseco à imensidão, no abismo mergulhamos e nele apostamos.

Freud, pai e criador da teoria psicanalítica, em uma de suas descobertas mais fundamentais, nos alerta para que existiria uma vastidão de saberes encobertos no que ele veio a chamar de inconsciente. Em uma das primeiras obras da metapsicologia freudiana, Freud e Breuer (1893-1895) se situam a respeito de um saber não sabido, mas que vaza, escapole. Essa revelação nos remete a um inconsciente que transborda. Que funciona pela via do enigma e de um não-saber que constitui o sujeito. O enigma da letra, o enigma do que parece ser um outro tipo de linguagem. É pela palavra, dita ou escrita, que Freud segue. A letra abre margem para a imensidão e é no abismo que ele também mergulha.

A posteriori, encontramos Lacan, e ele embarca na jornada freudiana a respeito da palavra e é a partir desses ensinamentos que concebe sua teoria a respeito da realidade psíquica. Ele também navega com e pela letra. Constrói seu ensino levando em conta a importância estrutural da linguagem para o sujeito enquanto meio de organização psíquica. Daí surge a questão: mas e quando a linguagem é furada e bamba? O que fazer quando, ao invés de habitar a linguagem, o sujeito se vê habitado e tomado por ela? O que sobra e o que fazer no desenlace?

É através dos estudos com a psicose que podemos entender um pouco mais sobre esse outro modo de existir com a letra, pois ela se faz presente e é peça fundamental para constituir a realidade psicótica. Mais uma vez, a epígrafe vem à tona. Existe um mundo, existe outra realidade, um outro modo de funcionar, entre a palavra. Deles a psicose é testemunho.

Através da revisão bibliográfica do tipo narrativa, na investigação proposta, temos como objetivo buscar compreender o lugar da letra e como seu endereçamento pode ter função no tratamento da psicose. Para isso, o caminho tomado se dará pela compreensão e apresentação dos mitos originários e em que eles desembocam no caminho da estruturação do sujeito. Além de navegarmos pelo mundo da psicose e suas nuances, enlances e desenlaces. Investigaremos as soluções, as amarrações e possibilidades, desde os estudos pré-psicanalíticos freudianos e chegando até a clínica borromeana de Lacan. Em seguida, passaremos pelos estudos da letra e do significante, dos litorais e dos destinatários, até chegarmos aos caminhos possíveis entre esses dois mundos. É uma jornada de apostas.

## 2 AS PSICOSES

A trama da loucura sempre foi uma pauta de interesse para a sociedade. Escancarou a falta da norma, de uma linha a ser seguida, da impossibilidade de conter o que não queria ser visto. Causou e esburacou. Enigmática e intrigante, carregava a marca da curiosidade, bem como do temor, de modo que a investigação sobre a coisa sem limites que afligia o sujeito louco era o caminho a se seguir. Seria algo místico? Bruxaria? Possessão? Ou seria uma patologia? O que é a loucura, afinal? Essa foi a questão que moveu os diversos teóricos e, principalmente, a esfera psiquiátrica do século XIX, que desde esse tempo já utilizava o termo psicose para designar uma enfermidade mental em geral. Freud foi um desses estudiosos e durante toda a sua obra fez contribuições e construiu diversas formulações a respeito da clínica da psicose. Apesar de não tê-la delimitado com a clareza estrutural de Lacan, psicanalista francês e um de seus maiores seguidores, seus trabalhos definiram caminhos e abriram portas, posteriormente, para um tratamento possível da psicose.

Em seus estudos pré-psicanalíticos, como “Psiconeuroses de defesa” (1894) e até mesmo em suas correspondências com Flies, Freud já falava sobre a existência de um mecanismo de defesa muito eficiente e energético na psicose, chamado de *verwerfung*. Para Freud, esse mecanismo rejeitaria uma representação insuportável, de modo como se ela jamais tivesse alcançado o eu, vindo a projetar isso para o mundo externo. Além disso, dizia que para que algo pudesse ser simbolizado seria necessário haver, primeiramente, uma afirmação desta: a *bejahung*. Em “O seminário, livro 3 as psicoses” (1955-1956), Lacan vem a conceber a *verwerfung* como forclusão:

O que há de tangível no fenômeno de tudo o que se desenrola na psicose é que se trata da abordagem pelo sujeito de um significante como tal, e da impossibilidade dessa abordagem. Não torno a voltar à noção de Verwerfung de que parti, e para a qual, tudo bem refletido, proponho que vocês adotem definitivamente esta tradução que creio ser a melhor – a forclusão (LACAN, [1955-1956] 2010, p. 369-370, grifo do autor)

Outro elemento importante da psicose apontado por Freud foi a questão de uma fixação no autoerotismo, de modo que as pulsões sexuais seriam voltadas para o eu. Segundo o autor, o fenômeno autoerótico marcaria a impossibilidade de um tratamento psicanalítico, pois para haver tratamento se faz necessário um vínculo transferencial e um investimento libidinal além do próprio corpo (QUINET, 2006). Além disso, uma das maiores contribuições de Freud para os estudos sobre psicose se deu através da análise da autobiografia de Daniel Paul Schreber, intitulada de “Memórias de um doente dos nervos”, de 1903. No caso Schreber (1911), Freud concebe a tríade paranóica, demarcando que haveria: 1- uma fixação libidinal num estado narcísico; 2- regressão para esse estado narcísico; 3- uma frustração dada pela não-satisfação das pulsões homossexuais, elementos importantes para a compreensão da dinâmica psicótica.

Posteriormente, Freud (1911) vai ainda mais além e determina que os delírios seriam tentativas de cura e que constituiriam um meio de defesa contra a pulsão. A partir disso, retorna a falar sobre a questão da representação insuportável que seria

expelida e projetada para o mundo externo e volta atrás quanto a essa dinâmica, afirmando que, na verdade, essa representação abolida de dentro retornaria do lado de fora. Não se trata do mecanismo do recalque, mas sim de um outro tipo de mecanismo.

É a partir das construções freudianas que Jacques Lacan estabelece sua produção dentro da psicanálise, marcando sua escrita em dois momentos: 1- clínica estruturalista e 2- clínica borromeana. Entretanto, apesar do enfoque à teoria freudiana, Lacan traçou caminhos próprios e divergiu de Freud ao acreditar num tratamento possível das psicoses, nos alertando para não recuar diante do que ela nos traz. Inclusive, o interesse de Lacan pela psicose é anterior ao seu interesse pela psicanálise. Foi através dos estudos e produções para sua tese de doutorado, sobre uma jovem psicótica a qual chamou Aimeé, que ocorreu essa aproximação.

A proposta conceitual de Lacan ao pensar sobre psicose leva em consideração dois elementos: o mecanismo da foraclusão, já antes apontado por Freud, mas agora delimitado como um mecanismo próprio da psicose e o complexo de Édipo. Lacan concebe a realidade psíquica de modo a ser estruturada pela linguagem e marcada pelo significante e pelo significado. Para que o sujeito possa entrar nesse mundo, é preciso passar pelo ordenamento simbólico, ou seja, é preciso fazer uma entrada nessa instância simbólica e o que marca essa entrada é o Complexo de Édipo.

## 2.1 O mito fundador

Em seu quinto seminário “As formações do inconsciente” (1956-1957), Lacan propõe os três tempos lógicos do complexo de Édipo. O primeiro tempo seria marcado por uma triangulação entre a mãe, a criança e o falo materno. A criança se encontraria presa numa relação simbiótica com a mãe, uma relação do tipo “fusional”, facilitada pelos cuidados e necessidades satisfeitas por esta, que induzem à situações em que a criança, identificada, se coloca como objeto do que supostamente faltaria à mãe, constituindo-se como falo materno, único objeto que poderia satisfazê-la. Dessa forma, o que a criança busca como objeto de desejo é satisfazer o desejo da mãe, acreditando ser o falo da mesma e se assujeitando ao desejo desta. Essa relação de triangulação e falicização da criança também acarreta em outros desdobramentos. É nesse tempo primordial que a criança constrói para si uma percepção sobre o que seria sua unidade corpórea. Para Lacan, essa instância é entendida enquanto imaginária, sendo uma projeção, uma imagem no espelho. Essa imagem não se constitui por si só, ela se dá através da imagem de um Outro e é marcada apenas pela instância especular. Qualquer unificação do eu é imaginária e não há, de fato, corpo unificado. Desse modo, a mãe passa a ocupar o lugar de um Outro não barrado e que tudo sabe.

Para que a criança se torne sujeito, a mãe deve atuar não só enquanto tal, mas também enquanto mulher desejante, permitindo a entrada de um terceiro na relação, de forma que seja instaurado, na forma de significante, o Nome-do-Pai, dando sentido ao seu desejo, que é o que marca o segundo tempo do Édipo. Como Miller (1996) pontua em “A criança entre a mulher e a mãe”:

O objeto criança não somente preenche, como também divide. É essencial que ele divida. É fundamental que a mãe deseje outras coisas além dele. Se

o objeto criança não divide, ou ele sucumbe como dejetivo do par genitor, ou, então, entra com a mãe numa relação dual. [...] É preciso, ainda, que a criança não sature, para a mãe, a falta em que se apoia o seu desejo. O que isso quer dizer? Que a mãe só é suficientemente boa se não o é em demasia, se os cuidados que ela dispensa à criança não a desviam de desejar enquanto mulher (MILLER, 1996, p. 1).

Portanto, o segundo tempo é marcado pela castração que dá sinais e faz função no corpo da mãe, sinalizando que o objeto criança não pode ser abocanhado. Para além disso, se faz necessário que a mãe faça eco dessa lei, isto é, que a metáfora paterna, na qualidade de suporte da lei, ocupe espaço no seu discurso. A mãe se mostra faltante, submetida a uma lei que não é a dela e a criança se encontra impossibilitada de ocupar o lugar de objeto do desejo da mãe, o lugar de falo imaginário. O Outro absoluto do primeiro tempo se torna um Outro barrado, um Outro do desejo (QUINET, 2006). Com essa privação, a criança é conduzida à incerteza psíquica “Sou ou não sou o falo de minha mãe?”, já que o pai e o falo se confundem e é a partir disso que o sujeito parte para uma posição de falta-a-ter e consegue simbolizar o falo, entrando na lógica fálica e se situando na partilha dos sexos.

O terceiro tempo do Édipo comporta o seu declínio e ocorre quando o pai se apresenta como aquele que possui o falo e promete sua obtenção, simboliza a passagem do ser para o ter. O pai é internalizado como Ideal do Eu e ocorre o recalque, clivando o sujeito e formando o inconsciente (QUINET, 2006).

No entanto, ao se deter na estrutura psicótica, podemos dizer que há um fracasso da metáfora paterna e o sujeito não é cortado por esse Nome-do-Pai, ficando, assim, às margens da primeira fase do Édipo. Na psicose não há separação, o sujeito segue alienado no desejo da mãe, ocupando o lugar de objeto de gozo do Outro. O recalque não chega a operar e outro mecanismo se antecipa, Lacan utiliza a palavra forclusão, que seria *verwerfung* freudiana, e toma de empréstimo esse termo do vocabulário jurídico e nomeia isso que seria o mecanismo da estrutura psicótica. A forclusão representa a abolição do significante da Lei na ordem simbólica do sujeito, impedindo a entrada do psicótico no campo das significações compartilhadas nos discursos estabelecidos, bem como na partilha dos sexos (QUINET, 2006).

Segundo Evans (2003), “(...) a estrutura psicótica resulta de certa disfunção do Complexo de Édipo, uma falta na função paterna: mais especificamente, a função paterna se reduz à imagem do pai (o simbólico é reduzido ao imaginário).”

## 2.2 A metáfora que cai

No momento em que o significante do Nome-do-Pai, foracluído e exilado da ordem simbólica, é convocado ao sujeito através do encontro com o Um-Pai, aquele que faz com que a mãe possa desejar além da criança. e o seu retorno se dá no Real, ocasionando a dissolução das compensações imaginárias que sustentavam o sujeito e impediam o seu desencadeamento. As bengalas imaginárias anteriormente utilizadas sucumbem através do encontro com o buraco da simbolização que sempre existiu. Nesse caso, há uma quebra na construção especular e a resposta se dá pelo surto. Com isso, o sujeito é levado através do delírio a reconstruir a

realidade. A metáfora delirante permitiria significar essa experiência, compensando assim a ausência da metáfora paterna. Quinet (2006) chega a pontuar que:

[...] Antes do surto, a realidade é sustentada por bengalas imaginárias, quando do surto, há uma dissolução imaginária e uma catástrofe subjetiva equivalente ao fim do mundo; e, finalmente, há uma recomposição da realidade com a reconstrução do mundo a partir do trabalho do delírio (Quinet, 2006, p. 54).

A partir do surto alguns fenômenos entram em cena. Em “*A introdução ao inconsciente*” (1988) Miller pontua que existem os fenômenos elementares da ordem do Imaginário, que seriam referentes aos fenômenos corporais e à ausência da significação fálica, que estariam relacionados às estranhezas referentes ao próprio corpo, como as ideias delirantes ligadas à sexualidade, passagens ao ato e algumas disfunções corporais. Ainda podemos incluir também, as ideias delirantes relacionadas ao amor e à perda do sentimento de vida, seja a mortificação ou cadaverização, podendo chegar ao suicídio. Os fenômenos elementares da ordem do Simbólico estariam relacionados aos fenômenos de linguagem tal como às irrupções de vozes, frases, que põem em evidência o Real, com o caráter de certeza. Miller ainda acrescenta que para ter os fenômenos elementares bem construídos, ou seja, para se pensar na estrutura da psicose, é preciso que aconteça uma desordem nos três registros.

Isto posto, é necessário pensar que esses fenômenos têm função de estabilização. O delírio, como Freud pontuou, é uma tentativa de cura. É uma operação que circunscreve, localiza, deposita, separa ou apazigua o gozo, correlativa de uma entrada em algum tipo de discurso, por mais precário que ele seja. A função do analista é de favorecê-lo e não contrariá-lo, é de testemunhar e secretariar o sujeito já engajado em sua própria cura, como pontua Quinet (2006).

Diante da problemática do sujeito psicótico com a realidade externa, advinda da forclusão do Nome do Pai e, conseqüentemente, de uma falta de um ordenamento simbólico, é possível pensar em possíveis tratamentos para a psicose a partir da oferta de meios de ressignificação da realidade e apaziguamento do gozo desenfreado que vem do Outro. A partir disso, Guerra (2010) aponta que deve-se seguir os caminhos que o próprio sujeito encontra para tratar de sua realidade para poder recompor a relação dele com o meio exterior, sendo o trabalho analítico pautado no um-a-um da clínica.

O recurso possível que esse trabalho se propõe a investigar é justamente o do endereçamento da letra nos fenômenos elementares da ordem da linguagem, pois a aposta é de que a letra que invade, é a mesma que pode vir a apaziguar, é a mesma que pode enlaçar o sujeito no discurso. É com ela que podemos construir um saber a respeito do que deságua na psicose. Sendo assim, seguiremos com essa aposta.

### **3 A LETRA E O LITORAL**

Mas o que é a letra? Qual é o seu estatuto para o campo psicanalítico? Em seus Escritos (1998), se utilizando do campo da linguística, Lacan nos elucida a respeito tanto da letra, quanto do significante, suas distinções e suas possíveis

correspondências. Como já assinalado, o sujeito se constitui a partir de sua entrada no campo simbólico, no campo da linguagem, sendo este atravessado pelo montante de significantes advindos do Outro materno. Desse modo, o significante é aquilo que produz o sujeito, através de sua cadeia e da articulação de um significante a outro. Quanto a sua função, nessa conjuntura, ele estaria atrelado à fala, pois é ela quem possibilita a constituição de um ouvinte e, por assim dizer, um leitor. Costa (2009, p. 28), diz: "A passagem pelo desenvolvimento da linguística proporcionou a Lacan as condições para precisar o que é o significante, enquanto produção de sujeito, nesse exercício – com um outro – da função da fala. Para além disso, o significante estaria atrelado ao significado, pois se funda com base nele.

Já as construções sobre a letra se deslocaram bastante durante o ensino lacaniano. Em "A carta roubada" (1998), Lacan marca a letra pelo seu valor de endereçamento, seu endereço está atrelado ao funcionamento pulsional, configurando-se como o resto – objeto a – da alienação fundante ao Outro. Assim, quando se fala de letra, se fala de corpo. Justamente por ser da ordem da pulsão e da alienação, a letra, mesmo que obliterada de sentido, produz-se antes mesmo do significante. Se pela condição da inscrição da letra no corpo o sujeito constitui-se, podemos dizer que a escrita primeiro ocorre no corpo, para depois transpor o mundo.

Outro elemento sobre a letra é seu caráter de feminização. Lacan (1998), atesta que "a letra feminiza". Isso ocorre devido a sua relação com a alienação. O sujeito, em seu momento de maior objetificação, se vê submetido ao Outro, é apenas algo para um alguém, não há eu. Esse movimento diz também sobre o esburacamento que a letra proporciona ao corpo. Costa (2009), aponta:

O endereçamento da letra tem relação com a leitura que o Outro primordial constrói, em que ao mesmo tempo erotiza e produz amparo. (...) É nesse ponto que somos seres de linguagem. Que nosso corpo não funciona se não for pela incidência do Outro no nosso corpo, no que Lacan desenvolve a partir da proposição de *lalangue*. Encontramos nesta a marca do Outro primordial. (COSTA, 2009, p. 29.)

É ao pensar nas distinções entre significante e letra que esta última ganha mais uma camada. Poderíamos dizer que enquanto o significante se interliga mais ao registro simbólico, a letra estaria circulando atrelada ao registro real, devido seu caráter de resto e sua ligação intrínseca com o gozo. Em *Lituraterra* (1998), Lacan vai mais fundo e afirma que, na verdade, a letra estaria nesse lugar limítrofe entre os dois registros, como um litoral, fazendo borda ao real e escapando pelo significante. Ela é uma marca no inconsciente. Nascimento e Melo (2015, p. 22), pontuam a respeito desse modo de funcionamento: "A letra como produzindo as bordas do corpo e o enlace significante como permitindo que a letra tenha um escoamento, dentro de um campo discursivo específico."

Diferente do significante, a letra faz circular a palavra, mas não subsiste apenas dele. Nascimento e Melo (2015, p. 22), ainda sobre a letra, trazem: "Nela temos uma torção como na banda de Moebius: uma de suas bordas aponta para o real enquanto o outro lado de sua face é um efeito do simbólico, mas no final das contas, é uma só e mesma banda."

Sabendo que a letra tem condição de resto e se faz pela tentativa de inscrição. Como transmitir o intransmissível? Como inscrever na teia simbólica esse acontecimento que atravessa o corpo? Tendo isso, precisamos pensar como essa amarração singular da letra pode advir, pois nem sempre ela será endereçada, por vezes, como na Psicose, ela será apenas excesso desse gozo pulsional; por vezes, o sujeito será dominado pela letra, impossibilitado do enlace significativo. A amarração em um campo discursivo se faz necessária. Diante disso, ao pensar nas nuances da psicose, como acolher o excesso e os fenômenos de linguagem? O que fazer com essa letra que domina?

## **4 UM ENLACE POSSÍVEL**

### **4.1 Soluções e caminhos**

O termo Estabilização é usado por Lacan no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-58/1998), onde o autor passa a propor formas de tratamento possíveis para com a psicose. A estabilização estaria para uma “solução” que funcionaria enquanto saída possível que o sujeito encontra para se sustentar (JACINTO; COSTA, 2011). Ao nos aprofundarmos nos caminhos da estabilização, Lacan propõe que o método psicanalítico deve se dar através de construir, junto ao paciente, uma forma de amarrar os três registros: real, simbólico e imaginário, que se encontram desorganizados e com amarramentos afrouxados.

Devido ao fracasso da metáfora paterna, o simbólico, lugar da Lei, linguagem e também do laço social, estrutura-se de maneira vacilante e a cadeia de significantes não consegue se articular. O lugar da letra passa a se tornar lugar de vazão disso que é sem limites. Dessa forma, os sintomas e fenômenos da ordem da linguagem entram como tentativa de dar conta do Real que não pode ser simbolizado após o desencadeamento. É preciso olhar para o sintoma como possibilidade e invenção, pois são eles que intervêm no momento do surto. Eles têm caráter criacionista. O delírio e alucinação são possibilidades de sentido, mesmo que ele não seja o sentido inserido na norma social (ALVARENGA, 2000).

Segundo Adeodato e Fontenele (2015), a relação da metáfora paterna com a metáfora delirante, abordada por Lacan, seria um meio para se pensar em formas de tratamento através da criação, em um contexto geral, e sobretudo a criação artística, como intervenções que dialoguem com o sintoma, ofertando assim para o sujeito, uma forma de estabilização. A criação viria como um meio de dar lugar a isto que não pode ser inscrito no psiquismo, que retorna no real, ou seja, um meio de sustentação psíquica. Identifica-se aí uma alternativa de apaziguar o sofrimento desse sujeito, que até então, está às voltas com seu sintoma, numa tentativa de cura, passando a encontrar um novo lugar, ou um novo modo de se haver com este real.

A reinserção social está diretamente relacionada às soluções inventadas pelo sujeito para lidar com seu corpo e com o Outro, de modo que algo possa advir para barrar o gozo desenfreado. Como já pontuado, nem sempre essas soluções estarão voltadas para a restauração do laço social. No entanto, “não há tratamento que não seja efetivado através de um discurso. Nesse sentido, todo tratamento se insere num laço social” (QUINET, 2000, p.). Além disso, como elucida Alvarenga (2000,

p.18), “As estabilizações são multiformes, precárias, instáveis e nos fazem pensar que são tanto mais promissoras, no sentido de soluções para o sujeito, quanto mais permitirem a sua inscrição em algum tipo de discurso.”

Desse modo, tomando os fenômenos de linguagem como via de investigação, é possível adentrar no campo da letra e pensar que ela, a mesma que invade e domina, é a mesma que nos mostra o caminho possível para o enlace. Pensar no que fazer com a letra que deságua no campo da psicose é pensar em caminhos possíveis. É pela letra e seu endereçamento que podemos escutar e construir algum saber sobre a sintomatologia psicótica.

## 4.2 Escoamento ou endereçamento?

No seminário 20, a respeito da Carta roubada, Lacan utiliza da literatura para nos dizer um pouco mais sobre a letra. Nesse conto, há uma carta que passa por diversos desvios, até que chegue ao seu destinatário. Entretanto, nos desencontros, nunca se tem acesso ao conteúdo da carta. É a partir dos desencontros dessa carta, tomada como letra, que podemos entender mais sobre a noção de endereçamento. Lacan, ao brincar com a homofonia francesa de letra (*lettre*) e carta (*lettre*), ele nos diz: “*A letra, lê-se como carta. Parece mesmo feita no prolongamento da palavra. Lê-se, e literalmente*”.

Com isso, temos que a letra sempre circula, mesmo que não esteja destinada a dizer algo, mesmo que nunca possamos entender o conteúdo e o sentido da mesma. Ela desliza, escapa e perambula, ela se faz como rasura. É da letra litoral que falamos aqui. O que se compreende é a letra enquanto significante puro, que desliza na cadeia significante. Escoa e desloca-se, mesmo fora de sentido.

Isso também nos remete aos estudos de Lacan a respeito da obra de James Joyce, que foi outro que brincou com as homofonias, dessa vez em inglês. Joyce estabelece uma relação da letra (*lettre*) enquanto lixo (*litter*), que remete ao resto. É justamente de resto e dejetos que falamos quando pensamos na letra que se faz na psicose. É uma carta (*lettre*) que também é lixo (*lettre*), quando não há enlace significante. É preciso um destinatário que acolha o lixo.

Para além disso, esse caráter da letra como algo da pulsão, do resto, e por conseguinte, advinda da alienação, diz sobre o porquê do psicótico ser habitado pela linguagem. Por não haver o enlace ordenado com o significante, a letra transborda em seu estatuto mais pulsional, significante puro. Tendo em vista um simbólico precário, sem Lei que o organize, a letra e sua relação com o Real se torna visceral, é apenas resto, sem escape ordenado pelo significante e disso não resta nenhuma possibilidade de inserção em um discurso. Desse modo, é preciso pensar no que fazer na clínica diante disso que vaza como uma torneira quebrada.

A clínica da psicose se faz da acolhida dos restos e dos excessos, para que uma estabilização possa advir (ALVARENGA, 2000). A transferência possibilita tanto acolher como barrar, fazer cisão. É com ela que os pontos e vírgulas passam a ter lugar. É por ela que o escoamento ganha status de endereçamento. O endereçamento da letra se torna suficiente quando há um outro que a legitime,

reconheça essa escrita e testemunhe essa inscrição. O analista faz corpo e sustenta essa letra endereçada que desagua, se faz como ponto de basta, sustenta o insustentável do gozo para que o sujeito construa além do escoamento. O testemunho é o que abre lugar para que o escoamento da letra vire endereçamento. A respeito disso, Costa diz:

Se não houver a construção do leitor, incluído no endereçamento, fazendo a passagem pelo outro que legitima sua produção, o sujeito não sairá do isolamento de suas repetições, ou mesmo da circunscrição ao corpo próprio. (COSTA, 2000, p. 28)

Esse endereçamento da letra não necessariamente precisa ser ao analista, pois as soluções da psicose são construídas das mais diversas formas, no um a um, ou seja, a estabilização se faz no singular. Como pontua Alvarenga (2000):

Ainda dentro das formas de estabilização, temos o escrito nas suas variadas apresentações: uma paciente delira em textos, nos quais circunscreve seus diálogos e relações amorosas delirantes; outra dita à terapeuta seus escritos, que ela mesma assina, e a partir dos quais pode falar de maneira mais articulada; outro, ainda, escreve bilhetes no lugar de falar. (ALVARENGA, 2000, p. 17)

Voltando à Joyce, no seminário 23, Lacan aponta que o escritor consegue constituir um saber-fazer com a letra, é o que o autor chama de solução elegante. Como podemos ver no caso de Joyce, a escrita de sua obra e a legitimação do seu nome no mundo literário foram suficientes para sua amarração singular. É a letra endereçada ao mundo, ao social. Outro exemplo importante é Schreber, que utiliza a letra com um litoral para dizer de seu próprio corpo, a inscrição do dito sobre seu corpo durante o delírio aponta para a tentativa de apaziguamento própria da psicose. Além disso, Schreber também endereçou o seu escrito, suas memórias foram destinadas, inicialmente, ao seu médico Fleschsig, tornando-o um destinatário. A respeito da escrita e da literatura, Costa (2009) elucida:

A literatura, por exemplo, permite transmitir algo dessa experiência tão solitária do sujeito com sua pulsionalidade fazendo um sulco – produto do discurso - por onde pode escoar algo de uma significação que se enlace ao campo do Outro. (COSTA, 2000, p. 29).

Por fim, podemos compreender a função do testemunho de uma letra, seja do analista ou não. É destinar a palavra que faz o laço social acontecer. É se inserir num discurso possível, apaziguar a invasão e se fazer existir ao próprio modo. É amarrar-se através do enlace da letra.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desse escrito, retornamos mais uma vez à frase que abre esse trabalho. Sim, existe um mundo entre a palavra e a letra. A travessia que aqui se deu para compreender o lugar dessa nos remete à imensidão. Com a letra, tudo é possível, até quando o sentido some. O seu caráter multifacetado, que se transfigura de lixo à carta, que faz borda ao corpo pulsional, mas também o invade, bem como é capaz de fazer enlace em um discurso, assim como furar este, diz sobre possibilidades.

Tomando o caráter singular das saídas para a estabilização do sujeito psicótico, é preciso pensar em uma especificidade, também, no que se refere à posição do analista. A psicose é uma estrutura que por si só escancara o excesso e a falta, o tudo e o nada. Mas aqui, encontramos um caminho possível quando a letra é endereçada, quando a carta chega e o destinatário sustenta. A função do analista diante da psicose se faz ao mediar o significante. Aqui entendemos que secretariar o alienado é muito mais que ouvir, é também ler e receber a palavra, acolher os restos e se fazer presente frente ao avassalador. Acolher e oferecer o próprio corpo como barra, como ponto e vírgula. Mediar e se fazer possibilidade para os enlaces.

É abrir espaço para o enlace social, e, quem sabe, testemunhar um enlace que se torne suplência e prescindir de um analista. Schreber e Joyce não são apenas escritores, são testemunhos da letra transfigurada, da letra que escoia até encontrar um destinatário possível. São testemunhos das diversas faces da psicose e suas possíveis amarrações, desde que haja endereçamento.

Esse trabalho não tem intenção de dar conta de tudo, pois isso sim é impossível. Bem como a letra, esse escrito é rasura e resto. Resto da própria escritora que vos endereça. Além disso, o espaço não é o de fechar a discussão sobre o que a inscrição e o endereçamento da letra podem fazer por um sujeito, pois a letra sempre pode mais. Ela é possibilidade. É aposta.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, E. *et al.* Estabilizações. *Revista Curinga*, Belo Horizonte, ed. 14, p. p.15-19, abril 2000.

BENETI, A.. Interpretação na psicose ou manobras da transferência?. *Opção Lacaniana*, Belo Horizonte, ed. 15, 1996.

COSTA, A. "Litorais da psicanálise". *Psicologia & Sociedade*; v. 21 Edição Especial: 26-30, 2009

EVANS, D.. Psicose. In: *Diccionario Introductorio de Psicoanálisis lacaniano*. Buenos Aires: Paidós, 2003

FREUD, S. As Psiconeuroses de defesa (1894). In: FREUD, S. *Primeiras Publicações Psicanalíticas*. ESB Vol III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de Paranóia (Dementia Paranoides) (1911). In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 12, 1969.

GUERRA, A. M. C. *A psicose*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JACINTO, R.; COSTA, A. Considerações sobre o conceito de estabilização nas psicoses. 2011, v. .63, n.2, pp.49-57.

LACAN, J. A carta roubada 1960. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Alúcio Menezes. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1956-1957)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Alúcio Menezes. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. In: MILLER, Jacques-Alain (Ed.). *O seminário 11 de Jacques Lacan: 1964 (M. D. Magno, Trad.)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

LACAN, J. (1998). De uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose. *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Originalmente publicado em 1957-1958

LACAN, J. (1975-76). *O Seminário livro 23, O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007

MILLER, J.-A. A criança entre a mulher e a mãe. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, nº 15, novembro de 2014, ed. Eólia.

MILLER, J.-A. A introdução ao inconsciente. *Falo: Revista Brasileira do Campo Freudiano*, Fator II, vol. II. Salvador, 1988.

NASCIMENTO, L. V; MELLO, D. M. (2016) Trivium: Estudos Interdisciplinares, Ano VIII, Ed.1, p.16-24

QUINET, A. *Teoria e Clínica da Psicose*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

QUINET, A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia*. 1 ed. editora: zahar, 2006.

ROSA, M. Fenômenos elementares. *Revista Curinga*, Belo Horizonte, ed. 14, 2000